

Sarney e a dívida:

Em Caracas, o presidente respondeu aos credores, que ameaçam considerar o País mau

o Brasil é sério.

pagador. E mandou um recado aos políticos brasileiros: "podiam ajudar mais".

O Brasil é um país sério, exige respeitabilidade e um tratamento racional no exame da dívida externa. Foi esta a resposta do presidente José Sarney, à advertência dos credores de que o País pode ser considerado um mau pagador, quando terminar, a 26 de outubro, o prazo para que o governo brasileiro adote uma atitude com relação à sua dívida. A resposta foi seguida de um duro recado aos políticos brasileiros, mergulhados numa crise que, segundo o presidente da República, dá ao mundo uma visão que não está à altura da posição do País no âmbito internacional.

"Se os políticos não estão atrapalhando objetivamente", comentou Sarney com ironia, "pelo menos podiam ajudar mais". O presidente reconheceu ainda o risco de represálias norte-americanas na área de informática. Mas disse que já se habituou a enfrentar "gigantes". "É uma luta que estamos preparados para enfrentar. Mas esperamos que os países desenvolvidos tenham compreensão com a posição do Brasil, que é justa", afirmou.

Numa rápida entrevista a jornalistas brasileiros logo após almoçar no Ministério das Relações Exteriores da Venezuela, Sarney disse que os credores não podem ser nem passionais nem políticos, mas ficar dentro de uma "frieza racional". O que é irracional, para o presidente do Brasil, é uma taxa de juros de 21%, fazendo com que o volume da dívida brasileira aumentasse cerca de 30%. Mesmo o montante da dívida, lembrou Sarney, é resultado de uma política

econômica com a qual o atual governo não concorda.

A coragem com que o Brasil vem tratando a dívida externa não tem sido absorvida pela classe política brasileira, conforme desabafou do presidente, apesar de não se referir diretamente nem ao PMDB nem ao PFL. O País, internacionalmente, tem crescido e essa é a imagem que se vem preocupando em difundir, prosseguiu, mediante a criação de mecanismos que possibilitem uma maior integração, principalmente com os países da América Latina.

Ao citar o recorde da balança comercial do Brasil (US\$ 1,4 bilhão em setembro), Sarney reforçou sua convicção de que a política econômica caminha no rumo certo, e que somente os que não conhecem a realidade nacional é que fazem críticas. O Brasil oferece confiança aos investidores — garantiu —, porque "nunca deu prejuízo a ninguém".

"Queremos ser o último dos desenvolvidos, mas não queremos ser o primeiro dos subdesenvolvidos", disse o presidente da República, mas reconheceu que o País passa por um momento político "traumático" e "difícil", e que o risco de desestabilização é uma realidade sempre presente nos países da América Latina. "Se não tivermos uma boa política gerando uma boa economia, teremos uma má política gerando uma má economia e problemas sociais." Estes problemas desembocarão, de forma inevitável, em graves problemas de ordem institucional no País, concluiu.

Bartolomeu Rodriguez,

enviado especial.